

Yes, nós temos bananas?

Brígida da Cruz Santos¹

Resumo: A moda possibilita ao historiador pedaços de um tempo e múltiplas visões, leituras a respeito desse mesmo tempo. Por ela podemos capturar elementos do imaginário de uma época. Sendo assim, a presente proposta de comunicação, tem como objetivo expor minhas reflexões a respeito da problemática do que vem a ser a moda, e, em especial, a moda brasileira.

Palavras Chave: moda, moda brasileira, história

Abstract: The fashion makes possible to the historian pieces of a time and innumerable visions, readings regarding this exactly time. For it we can capture elements of the imaginary one of a time. Being thus, present the proposal of communication, has as objective to display my reflections regarding the problematic one of what it comes to be the fashion and in special the Brazilian fashion.

Key-Words: fashion, Brazilian fashion, history

1- Apresentação

Há milhões de anos o homem, todos os dias, se incube da tarefa de se vestir. A vestimenta o acompanha desde que decidiu cobrir o seu corpo contra as intempéries. Ao repetir esse ato ele lida com a história, a memória e as representações implícitas nesta vestimenta.

Ao pensarmos na tarefa do historiador, que procura por documentos para que possa através deles compreender determinada época, a vestimenta oferece múltiplas possibilidades de alinhavamento desse tempo histórico. Ela é materialidade, e *por materialidade entendemos um conjunto de elementos físicos que indicam uma problemática histórica, a vida social e cultural de uma pessoa e sua sociedade ecoadas por seus objetos. Os objetos nos ajudam a entender como se processam as relações sociais, a vida, o cotidiano* (MENESES, 1992).

Escolher a moda como um documento histórico passível de leitura, oferece ao historiador entrar em contato com essa materialidade e assim adentrar no cotidiano de pessoas e com o imaginário de sua época, através da vestimenta. Não há história sem documentos e *há que tomar a palavra documento no sentido mais amplo, documento*

¹ Mestre em História e Sociedade pela Unesp de Assis, professora de História da Moda e da Arte da UNIBAN- Universidade Bandeirante de São Paulo.

escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira (LE GOFF, 1984).

2- Um pouco de História da Moda

A vestimenta no mundo ocidental, entre o século XII e XIV, passa a ser marca de individualidade, fantasia e novidade. Não basta, a partir desse momento, apenas se vestir, a vestimenta adquire outras funções sociais. Ela identifica grupos e ao mesmo tempo distingue pessoas dentro deste, é pertencimento e distinção. E assim o uso da roupa passa a ser conhecido como Moda.

No final do século XIV homens e mulheres passam a se vestir de maneira extremamente diferente. Essa mudança marcou a distinção entre os sexos: mulheres passaram a usar saias e os homens calças.

Outra mudança fundamental, foi deixar de pensar na vestimenta apenas como funcional, isso tornou-se incabível. Como pensar em funcionalidade com saias que se arrastavam pelo chão, mangas que quase impediam a circulação sanguínea dos braços, adornos de cabeça em forma de chifres ou sapatos com bicos longamente finos?

É a partir desse momento que o homem passa a reconhecer-se como um indivíduo, a vestimenta delineou seu corpo com uma forma única, expressou sua fantasia e fez com que fosse admirado por outros. *A moda vai além do vestir e adere à idéia de que um corpo individual tem uma psique individual e uma sexualidade particular, uma juventude e maturidade únicas, e um conjunto único de experiências e fantasias pessoais(...) a moda é incansavelmente pessoal* (HOLLANDER, 1996).

Outra característica, é que as novas formas adquiridas pela vestimenta deveriam ser passíveis de mudanças, deveriam trazer uma novidade. Algo que foi usado no passado não agradava mais, era tido como ultrapassado, a moda nasceu antagônica as tradições, à imobilidade. Ela foi fadada a efemeridade, não é um defeito mas uma característica. Mas devemos ressaltar, que, essas mudanças periódicas só aconteciam entre as pessoas que faziam parte do grupo social dominante.

Sendo assim podemos concluir que: *só a partir do final da Idade Média é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias. A renovação das formas se torna um valor mundano, a fantasia exhibe seus artifícios e seus exageros na alta sociedade, a inconstância em matéria de formas e*

ornamentações já não é exceção, mas regra permanente, :a moda nasceu (LIPOVETSKY,1987).

Falamos que a moda em seu início marca a distinção entre os sexos, porém até o século XIX homens e mulheres se ornamentavam igualmente, em alguns períodos os homens se preocupavam muito mais com essa ornamentação, como observou Laver (1989) ao descrever a moda no século XVI: *as roupas femininas nessa época eram muito mais modestas do que as masculinas*. Portanto a moda e ornamentação faziam parte do universo masculino.

Mas é no século XIX, com o triunfo dos valores burgueses, que temos a moda definida como algo pertencente ao universo feminino. Ao homem cabia se ocupar dos negócios, das idéias, a inteligência era própria deste, o traje de alfaiataria foi adotado em cores sóbrias e sombrias. À mulher cabia ocupar-se com os afazeres da casa, a cuidar do marido e dos filhos, e por fim quase como uma compensação, à moda. Todos os exageros desta, a partir de então, passam a ser próprios da mulher, moda passa a ser sinônimo de feminino. Gilda de Mello e Souza (1987) trata da moda no século XIX em seu livro *O espírito das Roupas*, ela destaca que *temos realmente de um lado uma moral masculina contratual, um código de honra originado nos contatos da vida pública, comercial, política e das atividades profissionais - e do outro uma moral feminina, relacionada com a pessoa e os hábitos do corpo e ditada por um único objetivo, agradar aos homens. Nas sociedades patriarcais a separação é evidente, o padrão duplo de moralidade dando ao homem todas as liberdades do gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para cama com o marido, toda santa noite em que ele estiver disposto a procriar. A vestimenta acentuará esse antagonismo, criando no século XIX, duas formas, uma para o homem, outra para a mulher, regidas agora por princípios completamente diversos de evolução e desenvolvimento*.

Souza (1987) utilizou como parte de suas fontes fotografias de famílias brasileiras, através delas fica evidente que no Brasil as pessoas se vestiam assim como na Europa, até mesmo os tecidos eram os mesmos, ficamos imaginando tamanho desconforto de usar casimira de lã com uma temperatura de quarenta graus.

3- Moda no Brasil

É no final do século XIX que temos as primeiras discussões do que é ser brasileiro, é quando se faz necessário dizer o que nos identifica como tais. Essa

discussão de cunho intelectual e político nos identifica como um país de mestiços e o conteúdo racista fica evidente. Logo, o que será bom para nós brasileiros, é necessário que haja um branqueamento² da raça, para que assim possamos nos desenvolver, nos civilizar como a Europa. Nossa referência de mundo civilizado era principalmente França e Inglaterra, portanto tudo que veio de lá foi adotado como símbolo de civilidade. A moda irá imitar esse caminho.

Havia várias modistas francesas no Brasil, se não eram tratavam de afrancesar seu nome, que traziam as novidades de Paris. *O que não fosse francês, nos setores das modas de vestir e calçar, aplicado à mulher, deixava de ser reconhecido como elegante. O imperialismo francês não se limitava a perfumes, loções, rouge, adornos, mas incluía, além de vestidos de vários tipos - do de baile ao de dias comuns - sapatos, meias, espartilhos, roupas de baixo* (FREYRE, 1997)

Havia ainda as importação de publicações francesas, a partir de 1874 a revista de moda *La Saison* passou a ter uma edição brasileira que se chamava *A Estação* (DURAND, 1988).

Há de se observar que a moda feminina tinha como referência a França e a moda masculina a Inglaterra.

A partir do século XX temos a moda estrutura segundo o capitalismo em uma cadeia industrial. As transformações, desta, agora seguem as estações e a moda é "ditadas" por criadores³.

Até a segunda guerra mundial importava-se a maioria dos tecidos consumidos no país, mas com a guerra essa importação foi dificultada. Temos então o crescimento da nossa indústria têxtil e de confecções, importava-se cerca de 10 a 20% dos tecidos consumidos no Brasil (DURAND, 1988).

Esse fato leva as casas de moda brasileiras a fabricarem roupas, já que não havia como importar. Joffily (1999) salienta que a Casa Canadá, em 1944, realizou o primeiro desfile com manequins. Embora tivesse passado a fabricar sua próprias roupas, a casa Canadá ainda se inspirava na moda francesa. A autora ressalta que ainda: *que nos anos 1960, a qualidade da moda brasileira fica mais aprimorada. Já existem bons tecidos e bons acabamentos, pena que tudo continue sendo copiado (...)* *no Brasil reina a cópia: Denner lança na Fenit de 1968, a moda cigana (...)*

Mas é, ainda, na década de 1960 que a Rhodia preocupada em aumentar suas vendas de tecidos sintéticos no Brasil, que decide promover desfiles. Ela convida

² A esse respeito ler ORTIZ (1994)

³ São exemplos de grandes criadores da moda: Poiret, Chanel, Vionet, Schiaparelli, Dior e Laurent.

artistas plásticos para fazer as estampas dos tecidos e costureiros para fazer as roupas. *Dos 74 vestuários da coleção Rhodia do Masp, 21 trabalham com temáticas populares reconhecidas como detentoras de brasilidade como o futebol, frutas, animais e personagens que despertem essa interpretação* (SANT ANNA, 2007).

O Estado autoritário que se instaurou no Brasil, após 1964, tem a necessidade de reinterpretar as categorias de nacional e popular, e pouco a pouco desenvolve uma política de cultura que busca concretizar a realização de uma identidade "autenticamente" brasileira (ORTIZ, 1994). Mas o que poderíamos chamar de autenticamente brasileiro? Ortiz (1994) chama a atenção de que Nelson Werneck Sodré afirmou que só é nacional o que é popular, salienta que em diferentes épocas e sob diferentes aspectos, a problemática da cultura popular se vincula à da identidade nacional. Sendo assim a coleção Rhodia nos apresenta elementos da nossa cultura popular, facilmente reconhecidos como características de nossa brasilidade.

3 - Yes nós temos Bananas?

A partir dos anos noventa temos um novo cenário da moda no Brasil. Há no país um interesse por conhecer a moda. A imprensa passa a divulgar e comentar sobre a moda brasileira. Temos profissionais com formação universitária ou que desenvolveram sua carreira no exterior, interessados em criar e fazer com que a moda brasileira tenha um caráter profissional e reconhecimento internacional. Nesse contexto é criada a São Paulo Fashion Week que colocou o Brasil no 'Calendário Internacional Oficial de Moda'

Assim temos reconhecidamente uma moda brasileira, mas o que significa essa identidade nacional na moda?

Ortiz (1994) nos coloca que a procura de uma "identidade brasileira" ou de uma "memória brasileira" que seja em sua essência verdadeira é na realidade um falso problema, ele procura demonstrar que a identidade nacional está profundamente ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e à própria construção do Estado brasileiro. Não há uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construída por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos.

O estilista Lino Villaventura em palestra proferida no Recife no ano de 2003 falou *que não se pode rotular uma moda como sendo de um determinado lugar pelas referências visuais encontradas nela, mas sim pelo profissional que está por trás das*

criações, profissional este que sempre irá colocar, de uma maneira ou de outra, as referências do seu lugar de origem, mesmo que estas não sejam perceptíveis aos olhos da maioria. Para ele, a moda é brasileira porque é feita por brasileiros (MARINHO, 2005).

Sendo assim concluímos que embora tenhamos que afirmar para o mercado internacional que nossa moda brasileira é autêntica, ela não precisa trazer em si símbolos de nossa brasilidade. Ela traz as questões brasileiras mas deve, também, dialogar com o mundo em constante mutação.

4- Bibliografia

- DURAND, J.C. *Moda, Luxo e Economia*. São paulo: Babel Cultural, 1988.
- FREYRE, G. *Modos de homem e modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- HOLLANDER, A. *O Sexo e as Roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- JOFFILY, R. *O Brasil tem Estilo?* Rio de Janeiro: ed. Senac Nacional, 1999.
- LAVER, J. A *Roupa e a Moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LE GOFF, J. Documento / Monumento. In : *Enciclopédia Enaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984, vl.01.
- MARINHO, Carmem. *Cultura local x Cultura global na moda*. 2005.
- MENESES, U.T.B. Museus históricos: da celebração à consciência histórica. In: *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista, USP, 1992
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São paulo: Brasiliense, 1994.
- SANT ANNA, P. *Cultura e Arte Popular: diálogos com a moda nos anos 60*. In: Anais da VII Reunião de Antropologia do Mercosul. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- SOUZA, G. de M. *O Espírito das Roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.